

A casa dita *do Brandão* em São Martinho da Gandra: aportes históricos sobre um imóvel singular

João Barbosa^[*]

Miguel Ayres de Campos Tovar^[**]

Sobranceira ao curso da velha estrada que liga as vilas de Ponte de Lima e Ponte da Barca, na freguesia ribeirinha de São Martinho da Gandra, a casa tradicionalmente designada *do Brandão* configura um exemplar interpelante da arquitectura vernacular regional. Modesta nas proporções do seu núcleo primitivo, ampliado no início do século XX, a frontaria sobressai pelos ornatos de rude talhe: nas pequenas janelas do piso superior, saiais avantajados de decoração incisa e cimalthas salientes afectam de modo inusitado um cunho erudito, enquanto na maciça guarda do patamar da escada avultam os relevos *naïves* de duas serpes aladas, adossadas simetricamente. Mercê destas figuras, a casa tem também sido chamada *das bichas* ou (por patente má interpretação) *das sereias*. Uma persistente tradição local, que ainda corre^[1], atribui-lhe a função de estalagem ou albergue em época indeterminada — o que não repugna, tendo em conta a sua implantação face à concorrida via que desde tempos imemoriais tornou o terreiro de São Martinho e a correspondente feira num dinâmico entreposto.

Movidos decerto pelo carácter popular dos ornatos referidos e pela sua tosca execução, que os reveste da aura intemporal própria dessa arte, alguns autores têm reivindicado para o imóvel foros de fabulosa antiguidade; nem Carlos Alberto Ferreira de Almeida foi totalmente imune a este enleio, julgando-a quinhentista e vendo na sua feição algo de típico da “residência nobilitada” do século XVI^[2]. A nosso ver, contudo, uma leitura atenta dos seus motivos

decorativos revela-os como interpretações rústicas de estilemas essencialmente setecentistas do repertório regional — mais conotáveis até com a segunda do que com a primeira metade da centúria. É o caso das volutas estilizadas subjacentes a dois dos vãos do primeiro andar, desprendendo ao centro um pendente em forma de flor-de-lis invertida, afinal radicados num léxico barroco, e mais ainda do perfil dos seus frontões, de friso suavemente recurvo, em que se encasto ao centro um sumário concheado.

Sobre a construção da casa e a responsabilidade por estes singulares labores nada apuramos de concreto, mas de 1789 chega-nos o que julgamos ser a notícia mais remota quanto à sua ocupação. Com efeito, é a 7 de Novembro desse ano que um Miguel José Brandão, de São Martinho da Gandra, recebe da Câmara Municipal de Ponte de Lima “licença para poder abrir estallage” na mesma freguesia, “sogeitandoçe as obrigações a que [é] obrigado.”^[3] A coin-



— *Fig. 1*

Frontaria da casa dita *do Brandão*, em São Martinho da Gandra, Ponte de Lima (dir.) com os seus distintivos labores de cantaria. Fotografia de José Rosa Araújo, c. 1970 — AMPL.

cidência relativamente ao apelido que a voz popular associa ao imóvel (aliás, doutro modo praticamente indocumentado na freguesia^[4]), a persistência da tradição que lhe atribui justamente esse uso e a sua consonância com a implantação junto à *estrada da Barca* concorrem para nos convencer suficientemente de que se trata do mesmo edifício. Encontramo-lo ainda nas vereações de Junho desse ano, logrando licença para fazer casa e tapar uma devesa que lhe dera *Ana Pinta* em São Martinho da Gandra — podendo esta corresponder à estrutura em apreço ou a outra que aí levantasse de raiz para sua moradia, pois que nada nos é dado saber da sua localização concreta^[5]. Com o correr dos anos, parece este indivíduo ter desenvolvido na freguesia outros negócios e investimentos, denotando alguma afluência, como sugere uma carta precatória a seu favor no arquivo camarário, datada de 7 de Janeiro de 1810, permitindo-lhe a instalação de azenhas^[6]. Miguel José Brandão, que até à data a historiografia local e a genealogia têm esquecido praticamente por inteiro^[7], nasceu em São Martinho da Gandra a 20 de Setembro de 1761, filho natural de Ana Maria, mulher solteira do lugar da Corujeira^[8], mas foi batizado na freguesia de Fornelos. Ainda que o assento de baptismo não lhe registre o nome do pai, identificamo-lo seguramente a partir doutras fontes como Caetano Brandão Barbosa de Magalhães, filho de António Caetano Brandão Barbosa de Magalhães e de sua mulher Maria Madalena Marinho. Conquanto principalmente assistentes no seu solar de Formariz, termo de Coura, administravam em São Martinho — por herança desta senhora — o pequeno vínculo do Casal, encabeçado por Gonçalo Rodrigues na capela de Nossa Senhora dos Remédios em 1604^[9].

Indício, pelo menos, dum tácito reconhecimento da paternidade é o facto de Miguel José já se apresentar com o apelido pelo qual viria a ser conhecido a 19 de Janeiro de 1787, no assento do seu casamento com Ana Maria Zamith, contraído em São Martinho da Gandra^[10]. Era esta senhora natural de Ponte de Lima, onde nascera a 6 de Agosto de 1763, filha do próspero comerciante Francisco José Zamith, natural na ilha Malta, e de sua mulher Maria Luísa Gomes, de São Martinho da Gandra, aqui casados a 24 de Março de 1759. Como é bem sabido dos genealogistas que se têm debruçado sobre esta família, Francisco José passara ao Minho ainda moço ao serviço de dois cavaleiros da Ordem de Malta radicados no vale do Lima, vindo a constituir o tronco dos Zamith em Portugal^[11].

Miguel José Brandão e Ana Maria Zamith tiveram, dois meses antes de contrair matrimónio, Severino António Brandão Zamith, nascido em São Martinho da Gandra a 22 de Novembro de 1786, que fizeram expor e baptizar na vizinha freguesia da Ribeira e subsequentemente legitimaram. Ordenado clérigo secular e radicado em Viana, foi este um reputado classicista — “vir litterarum scientia maxime græcorum latinorumque preclarus, sed et puritate vitæ animique integritate præclarior”, conforme reza a sua lápide sepulcral no cemitério da Ordem Terceira de São Francisco dessa cidade^[12] — e serviu aí durante largas décadas como mestre de gramática latina. Também em Viana veio a falecer, a 5 de Abril de 1864, tendo sido biografado postumamente com mestria e devoção pelo seu discípulo José Caldas na apreciada colectânea *Os humildes*^[13].

Sobre a transmissão da casa ainda hoje dita *do Brandão* dentro desta trama familiar é muito pouco o que sabemos de concreto. Antes de mais, permanece pouco claro se teria advindo a Miguel José por via de seu pai, por herança materna de sua mulher, ou ainda se teria sido comprada ou construída por si *a fundamentis*, não obstante o aspecto arcaizante que reveste. Também incerto é o seu destino na geração subsequente, não havendo indícios de que o P.^e Severino Brandão aqui tenha alguma vez residido prolongadamente, e eventualmente na dos sobrinhos deste. É só na segunda década do século XX que o fio se reata, por ocasião da compra do edifício e eido pelo P.^e José António de Sequeira (1876-1953), que assumindo a cura pastoral da paróquia em 1910 aqui vem a estabelecer morada^[14]. Está bem documentada toda a sua posse ulterior até aos nossos dias^[15].

[*] Investigador independente.

[**] IHC — NOVA FCSH / IN2PAST.

[1] Noção veiculada até tempos bem recentes por Maria Júlia Peixoto Barreto Caldas (1930-2023), proprietária do imóvel desde 1969.

[2] Carlos Alberto Ferreira de Almeida, *Alto Minho*, Lisboa, Presença, 1987, p. 107.

[3] AMPL, Câmara Municipal de Ponte de Lima, *Livro de actas da Câmara Municipal* (2/12/1787-30/5/1795), cota 2.3.1, cx. 5-1, fl. 43.

[4] Afora os senhores deste apelido entrados por casamento na administração do vínculo

do Casal, a que abaixo tornaremos, só Valentim Brandão Soares, senhor do Paço de Grejufe pelo início do século XVIII, o portou; não se alcançam quaisquer outros indivíduos deste sobrenome, de qualquer estrato social, nos livros de assentos da paróquia. A respeito de Valendim Brandão Soares, *vd.* Manuel José da Costa Felgueiras Gaio, *Nobiliário de famílias de Portugal* [2.^a ed., *fac-simile* da 1.^a], Braga, Carvalhos de Basto, 1989, vol. 4, p. 623 (tt.º de Costas, § 194, N 9); ANTT, Mesa da Consciência e Ordens, Habilitações para a Ordem de Cristo, Letra V, mc. 5, n.º 2.

[5] AMPL, Câmara Municipal de Ponte de Lima, *Livro de actas...*, fl. 36°.

[6] Nesta última propriedade sabemos ter vindo a falecer António Caetano a 18 de Novembro de 1798. ADVC, Paróquia de São Martinho da Gandra, liv. 5 de óbitos, fl. 20°.

[7] Excepção feita à referência in Luís Veloso Ferreira, *Subsídio para a genealogia da família Zamith: ramo maltês que passou à Ribeira Lima*, Porto, Livraria Esquina, 2005, p. 39, onde se refere, mas contudo sem filiação ou mais elementos salvo a naturalidade.

[8] ADVC, Paróquia de Fornelos, liv. 7 de baptismos, fl. 281. Esta nascida na mesma freguesia a 25 de Janeiro de 1739; ADVC, Paróquia de São Martinho da Gandra, liv. 4 de baptismos, fl. 8°.

[9] ADB, Registo geral, liv. 10, fls. 66-69°.

[10] ADVC, Paróquia de São Martinho da Gandra, liv. 4 de casamentos, fls. 37°-38.

[11] A inquirição de *genere* do neto P.º Severino Brandão Zamith dá estes fidalgos como oriundos da Casa de Crasto, em São João da Ribeira, que teve efectivamente uma forte ligação à Ordem de Malta na segunda metade do século XVII; *vd.* ADB, Mitra arquiépiscopal de Braga, processos de habilitação sacerdotal, pasta 9913, fl. 13 *et al.* Já Ferreira (*Subsídio...*, p. 17) segue a tradição patente in José Caldas (*Os humildes*, Porto, Livraria Chardron de Lello e Irmão, Editores, 1900,

pp. 79-107: 80) segundo a qual teriam sido naturais do Paço Vedro, na freguesia de Paço Vedro de Magalhães, Ponte da Barca. Fosse como fosse, Francisco José viria a ser contemplado na herança dos ditos *maltês*, que servira como pajem, e a constituir-se como homem de negócio de algum sucesso na vila de Ponte de Lima, onde sabemos ter assistido à Porta de São João, e veio a falecer a 12 de Novembro de 1805. Do seu casamento acima referido houve, além de Ana Maria, nove filhos e filhas, alguns dos quais alcançaram distinção, através dos quais a sua descendência e apelido se difundiriam pelo país.

[12] Transcrita in Caldas, *Os humildes*, pp. 79-107.

[13] Caldas, *Os humildes*, p. 107.

[14] João Barbosa, *História da Freguesia de São Martinho da Gandra*, Ponte de Lima, Junta de Freguesia da Gandra, 2021, p. 60.

[15] O referido clérigo deixou-a por herança a seu irmão Anselmo Sequeiros, de Ponte de Lima. Deste passou para os seus filhos, tendo um deles — o juiz de direito Fernando Heitor Barros de Sequeiros — acabado por aliená-la a Maria Júlia Peixoto Barreto Caldas pelos finais da década de 1960. Esta proprietária, por sua vez, vendeu-a em 2018 a António Sendão Roque, de São Martinho da Gandra, cuja família está de presente a empreender o seu restauro.

Abreviaturas utilizadas

ADB — Arquivo Distrital de Braga
ADVC — Arquivo Distrital de Viana do Castelo
AMPL — Arquivo Municipal de Ponte de Lima
BNP — Biblioteca Nacional de Portugal

Fontes e bibliografia

Fontes manuscritas

ADB, Registo geral, liv. 10
ADVC, Paróquia de Fornelos, liv. 7 de baptismos
ADVC, Paróquia de São Martinho da Gandra, liv. 4 de baptismos
ADVC, Paróquia de São Martinho da Gandra, liv. 4 de casamentos

ADVC, Paróquia de São Martinho da Gandra, liv. 5 de óbitos

AMPL, Câmara Municipal de Ponte de Lima, *Livro de actas da Câmara Municipal* (2/12/1787-30/5/1795), cota 2.3.1, cx. 5-1
ANTT, Mesa da Consciência e Ordens, Habilitações para a Ordem de Cristo, Letra V, mç. 5, n.º 2

Bibliografia

Almeida, Carlos Alberto Ferreira, *Alto Minho*, Lisboa, Presença, 1987
Barbosa, João, *História da Freguesia de São Martinho da Gandra*, Ponte de Lima, Junta de Freguesia da Gandra, 2021
Caldas, José, *Os humildes*, Porto, Livraria

Chardron de Lello e Irmão, Editores, 1900
Ferreira, Luís Velloso, *Subsídio para a genealogia da família Zamith*, Porto, Livraria Esquina, 2005
Gaio, Manuel José da Costa Felgueiras, *Nobiliário de famílias de Portugal* [2.ª ed., facsimile da 1.ª], Braga, Carvalhos de Basto, 1989, vol. 4